

## RESENHA

SCRIBANO, Adrián. **Love as a Collective Action. Latin America, Emotions and Interstitial Practices.** Routledge Studies in the Sociology of Emotions. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.

Raoni Borges Barbosa<sup>1</sup>

A presente obra organizada pelo já renomado e consagrado professor e pesquisador argentino Adrián Scribano (filiado institucionalmente ao CONICET e lotado na Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires) e sua equipe multinacional – composta por Jeanie Herrera (Guatemala), Joziene Assis (Brasil), Melina Amao Cenicerros (México), Rafael Ariaza Peña (Chile) e Sharon Diaz (Uruguay) – provoca o leitor com densa discussão sobre a cultura moral-emotiva latino-americana a partir da emoção específica e ocidental por excelência Amor. Em enfoques contextuais geográfica e nacionalmente dispostos (México, Guatemala, Brasil, Uruguai, Chile e Argentina), mas historicamente conectados pela experiência de trauma, de pânico e de falência de normalidades normativas e, ato contínuo, de remontagem individual e coletiva dos contratos sociais tácitos e suas respectivas imputações axiológicas, comportamentais e expressivas, o Amor é abordado como potência representacional e, sobretudo, como Ação Coletiva (tão ao gosto dos teóricos simbólico-interacionistas) de estruturação tensional de esferas públicas e políticas em torno de conflitos sociais.

Nesse sentido, *Love as a Collective Action. Latin America, Emotions and Interstitial Practices* (Amor como Ação Coletiva. América Latina, Emoções e Práticas Intersticiais) atualiza a cartografia sentimental do triste e ruidoso, desconfiado e esperançoso, violento e cordial, sofrido e pujante mosaico de sociabilidades latino-americanas.

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia. Pesquisador Bolsista DCR-CNPq da Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí – FAPEPI, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Como conjugados morais-emotivos específicos, a exemplo, da dor e sofrimento, da esperança traída, da apatia generalizada, da indignação difusa, da desonra, do nojo e da raiva, entre outros, são, mediados pelo amor, acionados socialmente por multidões traumatizadas e até mesmo por atores e agentes sociais que não participaram das situações pontuais de produção daquelas emocionalidades é uma questão central ao longo dos nove capítulos da obra em tela.

Pois que Scribano aborda justamente como as práticas coletivas moduladas pelo discurso e definição situacional pelo amor transformam políticas de sensibilidade e estruturações amplas da economia política da moralidade hegemônica, possibilitando e descortinando relacionalidades novas. Tal potência energética efervescente do amor, cabe ressaltar, é localizada por Scribano nas práticas intersticiais produzidas pela família latino-americana em seu enfrentamento cotidiano da violência endêmica no urbano de polícias autoritárias e gangues juvenis, da exploração estrutural capitalista de vidas e sonhos em empregos formais e subempregos informais, da injustiça institucional das redes econômicas e políticas de poder.

Personagens reais como mães de mulheres desaparecidas e vítimas do feminicídio, pais de filhos perdidos para cartéis de drogas e criminalidades ou para a truculência policial, irmãos, primos e tios em luta por reconhecimento de direitos e reparação judicial, entre outros, protagonizam as narrativas acidentas e melancólicas de amor filial e de ousadia disruptiva desta tonante moral-emotiva, reconfigurando as práticas morais-emotivas e cognitivo-expressivas e os regime de verdade de políticas de sensibilidade perversas. No tecido relacional familiar urdido pelo amor, portanto, Scribano e equipe identificam a energia de conservação do agrupamento humano básico mesmo em contextos terrivelmente adversos, assim como também a reserva energética para a indeterminação, para o inesperado e surpreendente que reorganiza o social.

Nesse sentido, o amor como ação coletiva que parte do arco familiar ressignifica o vocábulo ocidental que aponta para práticas tradicionalistas machistas de possessão sexual e afetiva do outro, de submissão masculinistas de gênero e de individualização individualista hedonista pelo consumo ou ascética e renunciadora pela crença na justiça divina. Pelo contrário, nesse entendimento, o amor filia coletivamente age no sentido da estruturação social do conflito em políticas de sensibilidades voltadas para a justiça social concreta (e não justicamento), para o reconhecimento efetivo (e não exclusão), e para o bem-estar material e simbólico (e não exploração, precarização, estigma e violência).

Scribano e equipe, nesse diapasão, analisam o processo complexo e surpreendente de metamorfoseamento do cidadão genérico – incapaz de vocalizar demandas sociais em contextos públicos de disputa moral-emotiva e em situações de exercício político do poder – em ativista politizado e vanguarda de uma causa e pauta transformadora. Metamorfose esta, que diferentemente da perspectiva clássica (Weber, Tönnies, Pareto, Parsons) e contemporânea (Habermas, Luhmann), é teorizada considerando a ação social sem a binarização paradigmática entre Razão e Emoção e situando a individualidade actancial como corporeidade sociohistórica que inventa, na indeterminação situacional coletiva da ação, horizontes novos de classificar, representar, sentir e agir. O Amor, portanto, como ação no e para o grupo, mais do que lógico ou impulsivo, cálculo de satisfação e moeda de troca ou possessão passional cega, compreende a afirmação coletiva para a transformação do mundo, tal como evidenciado nas etnografias digitais sobre as memórias, palavras, gestos, comportamentos, projetos e dilemas intersubjetivos e interafetivos das famílias observadas que ora lastreiam os estudos da presente obra.

Ao todo, nove capítulos compõem *Love as a Collective Action. Latin America, Emotions and Interstitial Practices* (Sociology of bodies/emotions; Love for love: filial love as interstitial practice; Mexico: all the violence, all the helplessness; Guatemala: femicide and women power; Brazil: repression, fear, respect and fraternity; Uruguay: Institutionalization, Neglect and Hope; Chile: 'modernization' and love; Argentina: between abandonment and social pain; Love, the politic of sensibilities and collective action), em uma urdidura reflexiva que perpassa questões como violência, sofrimento, corpo e gênero, lugar e papel da mulher, fraternidade e esperança, políticas de modernização, entre outros, sempre enfatizando, com efeito, o Amor como prática coletiva concreta e transformadora, para além de um sentimento individualizado e de contemplação passiva.

A obra de Scribano e equipe, assim, é leitura obrigatória para os pesquisadores e estudiosos brasileiros em Antropologia e Sociologia das Emoções e Moralidades. Como exposto acima, o conjunto de pesquisas aglutina discussões atuais sobre a preservação cotidiana da ordem político-social tácita na pauperizada e violenta América Latina, sem, contudo, perder-se em devaneios estatísticos e panoramas institucionais oficiais, mas desde o sentir e pulsar da família que, com suas práticas intersticiais, produz, em ondas interativas que conectam milhões de mães, pais, irmãos, tios e primos, a ação coletiva do Amor.